

RESUMO EXPANDIDO

Engajamento estético e cidadania cultural: que desafios enfrentamos hoje?

Maia Morel

Éric Martial Owona

Tradução de Noemi Sant'Anna Muller

Introdução

Este texto tem como objetivo analisar as condições contemporâneas do engajamento estético em relação à construção da cidadania cultural em um contexto social marcado pela aceleração do tempo e pela crescente complexidade das práticas artísticas. Questiona a capacidade dos indivíduos de se disponibilizarem para encontros significativos com a arte e explora como essa disponibilidade temporal se torna uma questão central para a emancipação pessoal e a coesão social.

A reflexão se insere em uma perspectiva crítica sobre as transformações contemporâneas que afetam nossa relação com o tempo, a cultura e a experiência estética. Com base em Fertier (2023), relembra que a cidadania cultural é uma condição fundamental para a garantia dos direitos culturais dos indivíduos, que são, eles próprios, essenciais para a paz social. Essa perspectiva exige repensar as fronteiras entre arte e sociedade, bem como as condições de acessibilidade, participação e envolvimento público. Sob essa perspectiva, o engajamento estético surge tanto como uma ferramenta para a democratização cultural quanto como uma forma de profunda experiência subjetiva.

Desenvolvimento

Em sua primeira parte, o texto define o conceito de engajamento estético, destacando suas dimensões imersiva, participativa e crítica. Em contraste com a tradição kantiana, onde a experiência estética era concebida como contemplação desinteressada, diversos autores contemporâneos propõem vê-la como uma interação dinâmica entre obra de arte e espectador. Arnold Berleant (2022), um pioneiro dessa abordagem, define o engajamento estético como uma cocriação afetiva, corporal e intelectual que transforma a percepção em uma experiência transformadora. Este modelo se alinha à “estética relacional” de Nicolas Bourriaud

¹ Translation: Cristina Robu, Ph.D., Visiting Assistant Professor, Davidson College, United States [crroru@davidson.edu](mailto:crroru@ davidson.edu). Authors : Maia Morel, Ph.D., Associate professor, University of Sherbrooke, Quebec, Canada maia.morel@usherbrooke.ca ; Éric Martial Owona, doctoral student in practical philosophy, University of Sherbrooke, Quebec, Canada eric.martial.owona@usherbrooke.ca

(2011), que considera o significado na arte como algo que emerge das relações sociais que ela gera, bem como Rose (2022) que enfatiza a postura crítica e sensível do espectador na construção do significado.

Historicamente, as concepções de apreciação artística evoluíram. Abordagens formalistas, defendidas por Clive Bell (1914) ou Roger Fry (1920), focavam nas qualidades internas das obras de arte (linhas, cores, composição), sem levar em conta o contexto histórico ou a subjetividade do observador. Panofsky (1939), por meio do desenvolvimento da análise iconográfica e iconológica, introduziu uma leitura em três níveis – pré-iconográfica, iconográfica e iconológica – projetada para contextualizar cultural e filosoficamente a obra de arte. Essas abordagens abriram caminho para leituras mais integrativas, como as de Rose (2022) ou Anderson e Milbrandt (2005), que combinam o sensível e o racional. Lemonchois (2017), por sua vez, propõe uma "abordagem dupla", que mescla sensibilidade e racionalidade para uma compreensão mais profunda das questões levantadas pela arte contemporânea.

Na segunda parte, o texto destaca as tensões entre o engajamento estético e o fenômeno da aceleração social, conceito central no pensamento de Hartmut Rosa (2010, 2012, 2022). A multiplicação de estímulos, fluxos de informação e ritmos de vida reduz a disponibilidade dos indivíduos para experiências estéticas exigentes. A arte contemporânea, frequentemente percebida como complexa ou inquietante, exige "investimento psíquico" e "longos períodos de tempo", que se chocam com as lógicas de eficiência, lucratividade e imediatismo características de nossas sociedades. Essa tensão é ilustrada por dados empíricos, notadamente uma pesquisa luxemburguesa (Borsenberger; Lorentz, 2022) que revelou que quase metade dos entrevistados não havia visitado um museu de arte por falta de tempo.

Em resposta, artistas e movimentos têm buscado resistir à pressão temporal. Experiências artísticas oriundas da slow art, da street art ou da performance reivindicam o tempo. O movimento Street Works (década de 1970), por exemplo, valorizava ações inúteis e antiprodutivas como forma de "reivindicar o tempo" (Lapalu, 2020). Da mesma forma, obras imersivas ou participativas como

"The Artist Is Present", de Marina Abramović, ou "Elle", de Niki de Saint Phalle, solicitam ativamente a presença e o engajamento do público, revertendo os padrões tradicionais de recepção.

Nesse contexto, o artigo introduz, em sua terceira parte, a distinção entre tempo livre e tempo liberado. O primeiro refere-se ao tempo residual, frequentemente preenchido com tarefas limitadas ou lazer passivo, enquanto o segundo é o tempo intencionalmente escolhido para experiências gratificantes e enriquecedoras. Adrianssens e Montjotin (2024) definem "tempo liberado" como uma condição para a emancipação individual, possibilitando a reconfiguração subjetiva do tempo social. O engajamento estético, nesse sentido, oferece um espaço-tempo único, favorável à reconstrução da relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Na quarta parte, o artigo amplia a perspectiva, colocando o engajamento estético no cerne do conceito de cidadania cultural. Esta se refere à capacidade de todos de acessar a cultura, expressar-se por meio dela, participar dela e contribuir para a formação de uma identidade compartilhada. É um direito cultural consagrado nos textos fundamentais da UNESCO (2001, 2005) e reconhecido como um motor de justiça social, coesão e diversidade. A cidadania cultural transcende, assim, o mero consumo de bens simbólicos para se tornar uma forma de ação cívica, expressão e transformação social. Ao fomentar o envolvimento do público, o engajamento estético torna-se uma ferramenta privilegiada dessa participação.

Sob esse ângulo, a cidadania cultural não se limita às formas tradicionais de participação nos aparatos culturais. Ela também pode se manifestar por meio de discussões, projetos coletivos ou criações compartilhadas. A arte, longe de ser um domínio separado, contribui para moldar o "sensório comum" (Rancière, 2000), ou seja, para criar uma experiência compartilhada do mundo. Ao redefinir o papel do espectador — não apenas como um receptor passivo, mas como um sujeito comprometido — a arte contemporânea contribui para uma forma ativa e inclusiva de cidadania.

Finalmente, a última seção concentra-se nos desafios educacionais dessa transformação. Como instituição formadora, a escola é responsável por preparar os indivíduos para se tornarem cidadãos culturais. Isso implica repensar a educação artística ou o ensino das Artes, abrindo-a para uma abordagem cultural mais ampla que integre uma diversidade de práticas, temporalidades e sensibilidades. O objetivo é fomentar nos alunos uma postura reflexiva, sensível e crítica, capaz de responder aos desafios sociais contemporâneos. A educação deve permitir a construção, ao longo da vida, de uma cultura pessoal conectada às questões de tempo, participação e bem-estar coletivo.

Conclusão

Vários caminhos são sugeridos: incorporar a noção de “tempo liberado” aos currículos, promover uma visão ampliada da cultura como modo de vida, equilibrar lógicas de aceleração e desaceleração e conceber a cidadania cultural como um vetor de desenvolvimento pessoal e coletivo. Em uma sociedade saturada de informação e dominada pela velocidade, parece urgente reabilitar o tempo da arte como espaço de prazer, reflexão e transformação².

References

ADRIANSSENS, Charles et MONTJOTIN, Paul. L'Ère du temps libéré. Propositions pour une révolution écologique et culturelle. Éditions du Faubourg. 2024.

ANDERSON, Tom; MILBRANDT, Mélodie. **Art for Life: Authentic Instruction in Art**. McGraw-Hill Education. 2005.

BELL, Clive. Art. Chatto & Windus. 1914

BERLEANT, Arnold. L'engagement esthétique. Presses universitaires de Rennes. 2022.

² Tradução do inglês para o português por Noemi Sant'Anna Muller, C1 no teste IBT fornecido pela Cambridge International Education, 2023.

BORSENBURGER, Monique; LORENTZ, Nathalie. **Le public des musées - Éléments de synthèse de l'enquête sur les pratiques muséales 2020**. LISER. 2022.

BOURRIAUD, Nicolas. **Esthétique relationnelle**. Les Presses du Réel. 2011.

FERTIER, André. **La citoyenneté culturelle : Réalités juridiques, enjeux et perspectives**. L'Harmattan. 2023.

FRY, Roger E. **Vision And Design**. Chatto & Windus. 1920.

KANT, Immanuel. *Critique de la faculté de juger*. Presses universitaires de France. [1790] 2023.

LAPALU, Sophie. **Street Works New York 1969**. Presses universitaires de Vincennes. 2020.

LEMONCHOIS, Myriam. **Approche sensible, imaginaire et raisonnée du langage plastique**. Éditions JFD. 2017.

PANOFSKY, Erwin. **Studies in Iconology: Humanistic Themes in the Art of the Renaissance**. Oxford University Press. 1939.

RANCIÈRE, Jacques. **Le Partage du Sensible. Esthétique et politique**. La Fabrique. 2000.

ROSA, Harmut. **Accélération. Une critique sociale du temps**. La Découverte. 2010.

ROSA, Harmut. **Aliénation et accélération. Vers une théorie critique de la modernité tardive**. La Découverte. 2012.

ROSA, Harmut. **Pédagogie de la résonance. Entretiens avec Wolfgang Endres**. Le Pommier. 2022.

ROSE, Sam. **Interpreting Art**. UCL Press. 2022.

UNESCO. Déclaration universelle de l'UNESCO sur la diversité culturelle. Dans **Actes de la Conférence générale, 31e session, Paris, 15 octobre-3 novembre 2001** (p. 73-77). https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000124687_fre.page=78

UNESCO. **Convention sur la protection et la promotion de la diversité des expressions culturelles de l'UNESCO.** 2005

<https://www.unesco.org/creativity/fr/2005-convention>